

O REGIONALISMO DE RACHEL DE QUEIROZ E JORGE AMADO

META

Identificar e classificar as obras e os temas referentes ao regionalismo pitoresco e crítico na obra de Rachel de Queiroz e Jorge Amado.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- comparar as personagens femininas de Rachel de Queiroz;
- classificar o romance *O quinze* quanto ao seu tipo de regionalismo;
- identificar os principais temas da obra de Jorge Amado;
- diferenciar as obras críticas das pitorescas dos dois autores estudados.

PRÉ-REQUISITOS

Introdução ao regionalismo.



Capa de romance *O Quinze*.
(Fonte: <http://www.apture.s3.amazonaws.com>).



Capa do romance *Tereza Batista Cansada de Guerra*.
(Fonte: <http://www.estantevirtual.com.br/imagens>).

INTRODUÇÃO

O regionalismo pode ser visto como uma proposta dos escritores região nordeste em oposição ao experimentalismo dos escritores da primeira fase do Modernismo. Nascido com o *Manifesto do Regionalismo*, em 1926, essa forma de fazer literatura busca resgatar mitos, símbolos da região, personagens, culinária, folclore, entre tantas outras manifestações culturais locais. Esse manifesto teve sua fase nacionalista crítica, mas defendeu, sobretudo, a defesa da cultura local. Essa abordagem prevalece nas narrativas que se preocupam em descrever os modos, costumes e gentes dessa região, como acontece com a obra de Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Todavia, já em um segundo momento, eles passam a debater o emprego da cultura local de forma mais politizada, por isso incorporam elementos políticos a sua narrativa.

Dessa forma, podemos dizer que os dois escritores apresentam novas versões para o regionalismo, ora valorizando aspectos locais, ora valorizando o engajamento político do escritor brasileiro com as causas sociais. Retirantes, cangaceiros, coronéis, vaqueiros, professoras vão parte do imaginário regional de Rachel de Queiroz que também valoriza a personagem feminina com suas problemáticas e questionamentos sobre a posição de dependência e inferioridade que a sociedade patriarcal pregava para a mulher.

Se a escritora cearense valoriza sua experiência pessoal para construir suas personagens. Jorge Amado faz uma pesquisa para construir suas narrativas, que, no primeiro momento, apresentam um caráter documental. Talvez por isso, seus primeiros personagens e muitos no decorrer de sua obra sejam marcados por comportamentos sociais e não por dramas interiores. Agora vamos estudar um pouco mais de cada um desses regionalistas para identificarmos os pontos em comum e suas diferenças na forma de narrar os dramas de suas regiões.

A PROFESSORA SOCIALISTA DE RACHEL DE QUEIROZ

Rachel de Queiroz (1910-2003) inicia sua carreira literária com uma primorosa aula sobre o espaço dos retirantes a partir do olhar de Conceição com seu clássico *O quinze*, em 1930. Essa escritora cearense foi a primeira mulher a entrar para Academia Brasileira de Letras, o que aconteceu no dia quatro de agosto de 1977. Sua primeira obra faz parte do Regionalismo, principal assunto deste nosso curso. Veja a relação de suas principais obras além de *O Quinze* (1930): *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937), *As Três Marias* (1939), *Dora Doralina* (1975), *Memorial de Maria Moura* (1992). Essas obras trazem um debate político sobre a situação da mulher e já fazem parte do imaginário do brasileiro por terem sido transformadas em novelas,

seriados e filmes. Você pode encontrar muitos vídeos sobre a autora e suas obras, basta navegar.

Rachel de Queiroz iniciou sua carreira literária envolvida com as questões socialistas. Integrou-se ao movimento regionalista quando passava um tempo em Maceió, onde conheceu Graciliano Ramos, Jorge de Lima e José Lins do Rego. Sua visão socialista continuou presente nas obras seguintes. Todavia, por ter sido censurada pelo Partido Comunista, ela se afastou dessas questões ideológicas. Em 1964, ela foi favorável à Ditadura Militar de 1964. Seu regionalismo é crítico e de denúncias. Sua obra, como um todo, apresenta um olhar socialista que privilegia os direitos humanos.

Sua forma de integrar a região aos seus romances é simples e objetiva. O que mais se destaca na visão da crítica é a construção de suas personagens femininas: Conceição, as Três Marias, Dora Doralina e Maria Moura são mulheres fortes e lutadoras que não se dobram diante dos valores culturais patriarcais nem diante da tirania. Nesta aula, vamos fazer uma análise do seu romance regionalista valorizando o papel de Conceição, como professora e voluntária para ajudar aos retirantes.

Na fase de engajamento político, suas obras apresentam a qualidade de não ter cunho político nem ser parte de propaganda partidária. A linearidade na forma como constrói suas personagens deixa seus enredos sem complicações metafísicas (cf. COUTINHO, 2001, p. 280). Voltada para debater o problema da mulher, suas narrativas trazem um tom de descrença no universo patriarcal. As três Marias é a obra que mais densamente entrou nesse debate, com o aprofundamento dos problemas psicológicos de suas protagonistas e o sentimento trágico da vida. Nas obras anteriores, ela “se apóia na análise psicológica dos personagens, sobretudo na natureza do homem nordestino, sob a pressão de forças atávicas e aceitação fatalista do destino, como é o caso dos dois primeiros *O Quinze* e *João Miguel*” (CANDIDO, CASTELLO, 2006, p. 279).

Entre amores e família, o questionamento do destino de mulher é uma marca de sua ficção. Ela procura tirar a mulher do lugar comum para mostrar a resistência e a força da mulher. Essa postura se repete do primeiro romance ao último, *Memorial de Maria Moura*. Essa obra regata o mito da donzela guerreira que comanda um grupo de homens em uma terra em que ela é uma liderança. Tal trajetória feminina vai ser estudada nesta aula como uma homenagem aos oitenta anos de *O Quinze*. Antes, vale destacar que sua narrativa está além do rótulo de regionalista, pois traz a marca do feminismo e da luta das mulheres por espaço na sociedade patriarcal. Suas protagonistas procuram derrubar os dogmas de uma sociedade tradicional e rural. Assim, seu regionalismo pode se encontrar “latente nos seus assuntos, que abordam a agitação política do momento, métodos de educação relacionados com a posição da mulher e problemas de emancipação feminina, no plano amoroso e social”. (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p.280).

Além dessa preocupação feminista, suas protagonistas têm uma formação socialista que as aproximam da escritora Rachel de Queiroz, uma mulher envolvida com as questões do seu tempo. Para melhor entendermos essa forma de construir seu regionalismo, vamos analisar detalhadamente como o tema local serve de fundo para o debate universal da posição da mulher na sociedade patriarcal. Assim, a escritora se aproveita do tema da seca para debater o “destino de mulher”, isto é, toda mulher era obrigada a se casar e ter filho como destino único.

Apesar de ser a primeira obra, *O quinze* é a mais famosa e mais importante obra da autora quanto à proposta de regionalismo pelo olhar feminino. Para este curso, vamos nos ater a uma análise da construção da protagonista e do espaço geográfico desse romance. Antes, vamos ler três trechos que ressaltam o papel dos livros na sua formação, seu engajamento com a profissão e com a ação humanitária para ajudar os retirantes nordestinos que se dirigiam a Fortaleza, fugindo da seca e da morte.

Capítulo I

Foi à estante. Procurou, bocejando, um livro. Escolheu uns quatro ou cinco, que pôs na mesa, junto ao farol.

Aqueles livros – uns cem, no máximo – eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite.

Deitou-se vestida, desapertando a roupa para estar à vontade.

Pegou no primeiro livro que a mão alcançou, fez um monte de travesseiros ao canto da cama, perto da luz, e, ficando o cotovelo neles, abriu à toa o volume.

Era uma velha história polaca, um romance de Sienkiwicz, contando casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas.

Conceição o folheou devagar, relendo trechos conhecidos, cenas amorosas, duelos, episódios de companhia. Largou-o, tomou os outros – um volume de versos, um romance francês Coulevain (QUEIROZ, 2010, p. 12).

Capítulo 14

Dona Inácia, como já se habituara, fazia o seu crochê na sala de visitas.

Os dedos mexiam rápidos a agulha e o fio branco corria, entrançando os desenhos caprichosos da varanda de rede.

Conceição estava na escola.

Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros.

E só chegava de tardinha, fatigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam os óculos da avó. (QUEIROZ, 2010, p. 77-6).

Capítulo 23

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo ao imundo ambiente onde jazia.

Dona Inácia, as vezes que podia, acompanhava a neta nessa labuta caridosa, em que a moça empregava o melhor da sua natureza.

De vez em quando, porém, a avó tinha que repreendê-la por quase não comer, por sempre chegar em casa atrasada, por consumir todo o ordenado em alimentos e purgantes para os doentinhos do Campo; ela respondia, rido” (QUEIROZ, 2010, p. 134).

Quanto aos principais acontecimentos dessa obra, destacamos a presença de dois núcleos narrativos que se encontram. No primeiro, temos a trajetória da protagonista, Conceição, pela fazenda da avó, D. Inácia, e depois pela cidade onde dá aulas e colabora voluntariamente no cuidado dos retirantes. Conceição inicia e termina sua trajetória solteira, ela abdica do namoro com o primo Miguel, que tinha um caso com uma de suas empregadas. Esse núcleo ainda tem suas primas, com quem Conceição troca algumas palavras sobre casamento. O segundo núcleo é o da família de Chico Bento, sua esposa e cinco filhos. Uma das crianças morre no trajeto do sertão para a capital, Fortaleza. Diante de tanta miséria, Conceição resolve adotar seu sobrinho Duquinha, quando este está muito doente. Assim, as personagens cruzam seus destinos diante de um espaço tão inóspito para a vida.

Na sequência, vamos analisar a forma como o regionalismo é construído nessa obra. Seu pioneirismo pode ser visto tanto pelas atitudes feministas da protagonista, Conceição, como pela sua forma de ela cuidar dos retirantes. Com essa obra, Rachel de Queiroz inicia sua galeria de personagens que não aceitam o “destino de mulher”, pois optam por viver fora das regras do patriarcado. O diferencial desse romance está no fato de Conceição ter uma preocupação com o social ao mesmo tempo em que lapida sua personalidade de mulher independente. Além da performance de Conceição, a autora nos presenteia com uma obra concisa que vai além de seu tempo e da temática da seca.

Por ser uma obra regionalista, os deslocamentos espaciais da protagonista estão bem à frente do destino das outras personagens femininas construídas por seus contemporâneos. Da Fazenda da “Mãe Nácia”, sua avó-mãe, aos campos de concentração de refugiados da seca, Conceição está à frente de sua época por ser uma mulher integrada com a luta das mulheres e com a luta socialista. Nesse sentido, *O quinze* dialoga com *Vidas secas* de Graciliano, pois traz um regionalismo crítico, ao mostrar uma personagem com princípios socialistas e feministas, uma vez que Conceição, por exemplo, rompe com os padrões da época, ao rejeitar o

relacionamento com seu primo. Tal opção ideológica de Conceição pode ser vista como um prenúncio de resistência feminista. Elódia Xavier destaca que essa personagem é uma “figura feminina dividida entre a problemática dos retirantes e seus conflitos interiores” (XAVIER, 1998, p. 35). Assim, podemos dizer que *O quinze* faz parte das obras em que a mulher projeta um local de resistência, mesmo discutindo questões sociais mais amplas com a situação dos retirantes.

Na narrativa, Conceição vai sendo apresentada por etapas. Na primeira, ainda na fazenda da avó, temos um olhar para dentro com suas reflexões pessoais. Como você pode ler no fragmento selecionado, ela é uma leitora disciplinada que conhecia o conteúdo dos livros de sua casa, entre os quais havia “heroísmos, rebeliões e guerrilhas” (QUEIROZ, 2010, p. 11). No contexto social nordestino, o destino da mulher adulta era o casamento, todavia, “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar” (QUEIROZ, 2010, p. 13). Além do mais, ela fazia “leituras socialistas” de onde surgiam “as piores das tais idéias” (QUEIROZ, 2010, p. 14). Essa formação autodidata da protagonista reforça sua individualidade e lhe permite fazer opções fora do habitual para uma moça solteira.

Como se vê, Raquel de Queiroz já traz uma proposta de regionalismo crítico ao construir uma personagem feminina socialista. Diferente das personagens densas de Graciliano Ramos, Conceição apresenta uma linearidade emocional marcada pela ética e pela valorização dos direitos humanos.

Dentro dessa perspectiva, ela se coloca contra as vantagens sexuais dos homens fora do casamento, por isso sua posição mais radical acontece quando ela rejeita o amor de Vicente, seu primo, por ter ouvido que ele está de caso com uma moça da região. Para a professora bem formada, era inadmissível que um homem, mesmo sendo um vaqueiro, tivesse relações sexuais fora do casamento: “Morro e não me acostumo!... Acho uma falta de vergonha!” (QUEIROZ, 2010, p. 66). Ao saber dessa possibilidade, por ciúmes e pelas diferenças culturais afasta-se dele por quem tinha um amor platônico “foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida” (QUEIROZ, 2010, p. 84).

Em *O quinze*, essa movimentação de Conceição por espaços que não são comuns às mulheres de sua época se constitui em uma marca de originalidade dessa obra. Com esse deslocamento temos uma personagem feminina que não está preocupada só com ela, pois também se preocupa com o bem-estar do outro, por isso é uma personagem portadora de alteridade. Ela é preocupada com o outro e passa a atuar nos campos de concentração como voluntária: “Todos os dias venho aqui, ajudar na entrega dos socorros” (QUEIROZ, 2010, p. 63). Esse cuidar do outro é seu diferencial. Após ficar preocupada com a fragilidade da saúde do afilhado muito doente, Conceição se propõe a adotá-lo. Depois de quinze dias, o garoto sobrevive após noites de dedicação. Essas experiências de Conceição de

cuidar da avó, dos amigos, do afilhado e dos retirantes ressaltam o quanto sua diferença se confunde com sua identidade que se abre para a pluralidade das experiências provocadas pela seca.

Decidida por um outro lugar, Conceição resalta sua posição fora da tradição: “quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais...” (QUEIROZ, 2010, p. 131). Dentro desse quadro, a construção da maternidade de Conceição é uma alternativa social. Ao adotar o afilhado, Duquinha, ela se sente realizada por criar um filho. Tal satisfação pessoal é relevante para entendermos como a travessia de Conceição pelo espaço da seca tem uma importância para além das especificidades de um romance regionalista.

Portanto, a maternidade social de Conceição é fruto de sua alteridade, de sua preocupação com o outro, por isso ela pode ser vista como uma personagem feminina fora de uma família tradicional ao optar por criar o afilhado menos por uma questão pessoal e mais por uma questão humanitária. Assim, levando em consideração seus deslocamentos, temos alguns dos exemplos de ruptura com o “destino de mulher”. Por ser uma personagem que atravessa espaços sociais adversos e por ter momentos de questionamentos interiores, a identidade de Conceição pode ser vista como difusa e plural, pois se mostra como uma viajante, ao estar sempre fazendo um movimento para fora de casa.

Assim, pelo fato de significarem deslocamentos, tais representações podem ser lidas como opções artísticas, e, por isso, ambíguas, como também podem ser exploradas como aspectos políticos, em função da forma como Conceição luta contra o “destino de mulher”. Além disso, essa obra não apresenta um ponto de chegada fixo para a mulher ao sugerir que a identidade de gênero está se deslocando. Assim, por se preocupar tanto com questões coletivas como com a formação da protagonista, *O quinze* se propõe como um espaço regional em que o papel da mulher está no centro do debate. Por meio de um tema regional, Rachel de Queiroz debate a formação intelectual da mulher sem abrir mão da solidariedade indispensável quando estamos diante do caos social.

Dentro da perspectiva regional que estamos estudando, *O quinze* apresenta uma proposta crítica e avançada para sua época. Como visto aqui, a construção da personagem feminina não só debate os problemas de seu contexto regional como vai além ao rejeitar os papéis que lhe eram impostos. Em diálogo com seu texto, essa obra apresenta um duplo movimento: ora enfoca a construção da identidade feminina fora do patriarcado, ora amplia o olhar da mulher que luta por uma sociedade mais justa. Com essas soluções culturais, o regionalismo de Rachel de Queiroz pode ser relido como pioneiro em sua versão crítica por apresentar uma obra duplamente engajada com as questões socialistas e com o feminismo.

DO REGIONALISMO ENGAJADO AO PITORESCO EM JORGE AMADO

Jorge Amado de Faria (1912- 2001), baiano da região de Ilhéus/Itabuna, sempre foi um homem envolvido com a história do povo brasileiro e com a cultura baiana. O centro cultural Fundação Casa de Jorge Amado, inaugurado em março de 1987, no Pelourinho de Salvador, atesta a popularidade e reconhecimento desse ilustre brasileiro com a visita de turistas de todo lugar do mundo. Jorge Amado é o escritor brasileiro mais traduzido no mundo tanto por suas narrativas de costumes baianos, como por seus romances de cunho socialista.

Jorge Amado lançou sua primeira obra no Rio, em 1923, *O País do Carnaval*, que foi criticada por seus limites estéticos, no entanto, a mesma já trazia as marcas de regionalismo. Seu reconhecimento de público aconteceu com as obras que destacam o universo da região sul da Bahia onde viveu, *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), que dão um panorama de sua produção dessa fase marcada pelo “caráter seco, participante e todavia lírico dos seus primeiros livros, que descrevem a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 320). Ele também teve uma participação política do durante o Estado Novo, de Getúlio Vargas. Como membro do Partido Comunista Brasileiro foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo. Além desse compromisso, escreveu obras defendendo a ideologia socialista em *O cavaleiro da esperança*, uma biografia apaixonada do grande líder comunista brasileiro Luis Carlos Prestes.

Para a crítica, ele lança sua obra prima dessa fase, em 1942, *Terras do Sem-Fim*. Nesse livro, a força do romance engajado abre espaço para uma visão mais ampla do homem de sua época. Vale ressaltar que a mudança na direção de sua ficção, que se torna mais pitoresca, acontece com *Gabriela, Cravo e Canela*, que traz um “panorama humorístico de uma cidade, com um tom ameno e uma segurança de composição que, aliados à humanidade das personagens, lhe asseguraram o maior êxito editorial da literatura brasileira, repercutindo imediatamente no estrangeiro” (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 321).

No geral, suas obras trazem uma galeria de personagens que valorizam os tipos humanos de sua região. Grande parte dessa produção descreve personagens excluídas socialmente, homens que vivem à margem por exclusão do sistema capitalista ou por opção para não fazerem parte de uma sociedade hipócrita. A crítica cultural de Jorge Amado, nesse sentido, é ampla e não se restringe a repetir estereótipos como acusa a crítica. Sua variedade humana constrói um painel de personagens diversos, apesar de não apresentarem conflitos interiores mais complexos: pescadores, marinheiros da sua terra, prostitutas, crianças abandonadas se misturam com coronéis, mulheres carolas, bêbados, vagabundos, políticos corruptos, entre tantos

outros, que fazem parte dessa galeria de seres interesseiros, próprios da cultura popular baiana.

Para os críticos, a parte mais importante de sua contribuição para a literatura brasileira está na primeira fase de sua obra pelo seu compromisso com a denúncia da falta de liberdade do homem brasileiro à época da Ditadura de Vargas. Nesta fase, seus romances trazem uma acentuada carga de engajamento político. Um dos problemas desses textos é que os padrões são maus, e os pobres conduzidos por boas ações. Esse maniqueísmo empobrece essas obras que também são marcadas por um lirismo mítico como em *Mar morto*.

Para muitos, sua obra, depois dos anos sessenta, assume o lado mais pitoresco do regionalismo ao se voltar exclusivamente para as crônicas de costumes, nas quais retoma seus grandes temas sem aprofundar os dramas humanos. O leitor mais exigente pode encontrar pieguismo, volúpia e estereótipos nessas obras. Longe dos conflitos pessoais densos, suas personagens fazem parte de narrativas pitorescas marcadas por traços folclóricos e linguagem popular (cf. BOSI, 2006, p. 459). Mesmo assim, não podemos negar que esse painel humano traz uma importante contribuição para a cultura brasileira. Seu debate sobre a cultura baiana pode ser visto como um regionalismo pitoresco cheio de originalidade ao cantar a força do sincretismo religioso e dos rituais afro-brasileiros.

Dentro de uma abordagem didática, concordamos com a proposta feita por Alfredo Bosi sobre a extensão o imaginário social de Jorge Amado. Para esse crítico, seus romances apresentam cinco fases com marcas distintas, todavia convergentes para os dramas da cultura local:

I – romance proletário de *Cacau e Suor*;

II – universo lírico das rixas amorosas em *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia*;

III – texto de pregação partidária em *Cavaleiro da esperança* e *O mundo da paz*;

IV – crônicas regionais com tons épicos em *Terras do sem-fim*, *São Jorge dos Ilhéus*; e

V – crônicas de costumes marcadas pelo pitoresco em *Gabriela, cravo e canela* e *Dona flor e seus dois maridos* (cf. BOSI, 2006, p. 459) .

Esse painel genial do povo brasileiro já foi adaptado para diversas peças de teatro, novelas, seriados e minisséries, por isso obras próximas do povo brasileiro. Apesar de essas adaptações nem sempre respeitarem as ideias originais de Jorge Amado, vale a pena você conferir como foram feitas as versões para a televisão e para o cinema. Os vídeos quase sempre recebem o mesmo título da obra original e estão disponíveis na rede. Como temos lhe convidado, navegar é preciso para entrarmos em contato com essa produção cultural nascida da obra de Jorge Amado.

CONCLUSÃO

Esta aula trouxe algumas considerações sobre a obra de Rachel de Queiroz e Jorge Amado como dois escritores regionalistas. A contribuição que os dois fazem para construir um painel da região nordestina é indispensável para entendermos a complexidade dos problemas seculares dessa região. Tanto Queiroz, com suas personagens femininas que lutam por uma vida melhor, como Amado, com seus marginalizados, têm em comum a denúncia e o questionamento da ordem vigente. O engajamento político do primeiro momento da obra de ambos é fundamental para o desenvolvimento de seus principais temas nas obras da maturidade. Cada um toma um caminho sem abandonar de vez a veia do regionalismo. Rachel de Queiroz continua desenvolvendo narrativas em torno de mulheres que se deslocam pelos preconceitos e opressões de uma sociedade patriarcal como atentam seus romances *Dora Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992). Jorge Amado, por sua vez, se torna o escritor mais famoso do país com seus romances de costumes como *Tenda dos milagres* (1969) *Tieta do agreste* (1977), obras que traçam um painel dos costumes da sociedade baiana e do sincretismo religioso tão presente naquele estado.

RESUMO

Esta aula trouxe um panorama sobre o regionalismo de Raquel de Queiroz e Jorge Amado, dois importantes escritores brasileiros do século XX. O regionalismo em cada um apresenta particularidades. Na primeira, temos uma sólida obra que mergulha no universo da mulher nordestina para debater problemas universais como casamento e família. Rachel de Queiroz se filia ao regionalismo por descrever problemas próprios de sua região como os esfomeados retirantes oprimidos pela seca e pelos grandes latifundiários. Sua obra *O quinze* é narrada pelo olhar de uma professora engajada, Conceição, socialmente preocupada com as causas dos menos favorecidos e com questões feministas. No segundo autor, temos um regionalismo pitoresco que descreve a região sul da Bahia com os coronéis do Cacau. O imaginário de Jorge Amado também é povoado por marginalizados que, descritos por um olhar lírico, apresentam uma versão mais pitoresca do regionalismo, apesar de suas obras engajadas com o socialismo da primeira fase.



ATIVIDADES

1. Faça um comentário dissertativo justificando por que *O quinze* é uma obra engajada tanto com as questões socialistas quanto feministas.
2. Analise criticamente a obra de Jorge Amado a partir de suas fases apontando tanto elementos do regionalismo pitoresco como do crítico.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Essas respostas estão propostas no nosso material didático, leia com calma, retire as principais ideias e monte seu texto. Seja claro e objetivo, construa um raciocínio em torno das diferenças e semelhanças entre os dois escritores estudados. Depois envie para o tutor da disciplina fazer os comentários.

AUTO-AVALIAÇÃO

Dentro da evolução da proposta desta disciplina, sua auto-avaliação pode projetar uma crítica comparada entre os escritores estudados nessa segunda fase do modernismo. Comece a relacionar os pontos em comum das obras de Rachel de Queiroz e Jorge Amado com os outros escritores dessa fase do Modernismo. Veja que esses dois escritores também se envolveram com os grandes problemas de sua época. Faça também um levantamento de suas obras e identifique as marcas do regionalismo pitoresco e do regionalismo crítico.

**PRÓXIMA AULA**

Na sequência, vamos concluir nosso curso com importantes escritores do regionalismo nordestino: o paraibano José Lins do Rego e o sergipano Amando Fontes. Esses escritores retomam as abordagens pitorescas e críticas do regionalismo.



REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 46^a. edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira: Modernismo – História e Antologia**. 15^a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**, 5^a. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- COUTINHO, Afrânio (direção), COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil: Era modernista**. V. 5. 6^a. Edição. São Paulo: Global, 2001.
- QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 87^a. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18^a. Edição. Petrópolis, 2009.
- XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: A família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998.